

PROCESSO DE LUTO INFANTIL: UM ESTUDO DE CASO

Vivian Rafaella Prestes¹; Nayara Korchak de Lima¹; Alessandra Possobon de Oliveira²

RESUMO: O presente projeto teve por objetivo identificar as reações psicológicas manifestadas em uma criança enlutada. Foi feita uma revisão de literatura acerca de como acontece a elaboração do luto na criança, bem como assuntos relacionados às perdas precoces. Em seguida, foram estudadas as alterações psíquicas sofridas por uma determinada criança, através de um questionário aplicado ao responsável da mesma, atividades didáticas aplicadas na criança e a hora do jogo diagnóstica. A escolha da criança foi realizada de maneira aleatória, sendo esta com seis anos de idade e que passou por pela perda do genitor. Foi realizada uma análise qualitativa dos dados, comprovando a hipótese de que a criança enlutada sofre implicações psíquicas com o luto familiar, tornando-se mais acentuada quando é de um membro da família nuclear.

PALAVRAS-CHAVE: criança; luto; perdas precoces

INTRODUÇÃO

Desde a mais tenra idade as crianças vivenciam um processo de luto quando perdem alguém amado. Segundo Moura (1999), o luto é quando há a perda real do objeto de amor, porém, essa morte não é processada no mesmo instante. É necessária uma elaboração para que a criança passe a aceitar o fato. A autora ainda ressalta que, no decorrer da vida, todos, inclusive crianças pequenas, vivenciam exemplos de mortes (besouro morto, passarinho morto, cachorrinho da casa que morre). Tal situação lhe provoca curiosidade, pois a criatura morta não reage a nada que lhe é feito; assim, a criança desenvolve suas próprias idéias a partir de explicações recebidas por um adulto ou outra criança.

Sendo assim, como a criança, hoje, participa da dor da perda de uma pessoa importante em sua vida? E o luto, como ele se dá? Moura (1999) atribui aos pais um papel de referência identificatória, logo, quando a criança perde um dos genitores, além do objeto de amor, perde tal referência. O luto constitui um trabalho psíquico de elaboração, processo que leva à estruturação do sujeito.

Quando uma família perde um dos membros, é importante tentar manter um relacionamento onde se construa um espaço que se possa falar da dor, do sofrimento por causa da perda. Isso parece ser possível quando se aceita a morte como fazendo parte da própria existência.

Visto que a maioria da literatura aborda o luto no adulto, com pouco material direcionado à criança, o projeto pretende preencher essa lacuna no conhecimento do

¹ Acadêmicas do curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – Cesumar. Maringá – Paraná. Programa de Iniciação Científica do Cesumar (PICC). rafaela_vivi@hotmail.com; nayara_kl@hotmail.com

² Orientadora e docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Maringá – Cesumar – Maringá – Paraná. alepossobon@yahoo.com.br

tema, respondendo às questões de como o luto é manifestado psiquicamente na criança, conscientizar a família da responsabilidade de encaminhá-la a um profissional especializado para lhe auxiliar no processo de elaboração.

Entre os 5 e 7 anos, a criança tem uma melhor compreensão da morte de uma perspectiva cognitiva, mas ainda faltam habilidades do ego para lidar com a intensidade dos sentimentos. Dos 7 até a adolescência, a criança se aproxima do luto mais como um adulto, com uma melhor compreensão e melhores habilidades para lidar com o luto. A perda pela morte é vivida e expressa de diferentes formas em diferentes fases do desenvolvimento da pessoa, (WORDEN, 1998).

Ainda Worden (1998), a tristeza é o sentimento mais comum encontrado no luto. Este sentimento não é necessariamente manifestado pelo choro, mas isso frequentemente ocorre. A raiva é seguidamente sentida depois de uma perda. Ela pode ser um dos sentimentos mais confusos para a pessoa que fica, e por isso está na raiz de muitos problemas no processo de luto.

De acordo com Worden (1998), quando uma pessoa passa por uma perda é necessário que ela passe por algumas tarefas do luto para que seja restabelecido o equilíbrio e para que seja completado o processo de luto. Quando uma criança não completa uma tarefa num determinado momento, então a sua adaptação é prejudicada quando tentar completar as tarefas em momentos posteriores. É necessário que a pessoa enlutada realize essas tarefas antes que o luto possa ser completado.

Segundo Worden (1998), a primeira tarefa é aceitar a realidade da perda. Quando alguém morre a sensação é sempre de que isso não aconteceu. A primeira tarefa do processo do luto é enfrentar a realidade de que a pessoa está morta, de que ela se foi e não voltará. Apesar de levar tempo para a tarefa se completar, rituais tradicionais como o velório, ajudam muitas pessoas enlutadas a se moverem em direção à aceitação. Aqueles que não presenciam o enterro podem necessitar de meios externos para elaborar a realidade da morte.

A segunda tarefa é elaborar a dor da perda. É necessário reconhecer e elaborar esta dor se não ela se manifestará por meio de alguns sintomas ou por outra forma de conduta. Algumas vezes as pessoas escondem-se do processo para evitar os pensamentos dolorosos. Elas utilizam procedimentos de parar o pensamento para não sentir a dor associada à perda. Algumas pessoas procuram lidar com isso estimulando apenas pensamentos prazerosos com relação à pessoa que faleceu, assim protegendo do desconforto dos pensamentos desagradáveis. Idealizar o morto, evitar lembranças dele e fazer uso de álcool ou drogas são outras formas pelas quais as pessoas concluem essa segunda tarefa. Algumas pessoas viajam de um local para outro e tentam encontrar algum alívio para suas emoções, (WORDEN, 1998).

Sendo assim, esse trabalho teve por objetivo identificar as reações sofridas por uma criança em decorrência da perda de um genitor; comparando os dados obtidos com a perspectiva de diferentes autores.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida por meio de consulta a livros, artigos e periódicos relacionados ao tema.

Primeiramente a escolha da criança foi de forma aleatória, desde que esta tivesse entre 5 a 9 anos de idade e que tivesse passado pelo processo de luto. Os instrumentos estudados foram: questionário adaptado com a mãe (de acordo com Franco, 2002),

atividades com a criança como a hora do jogo diagnóstica e uma técnica expressiva em torno da temática perda, de acordo com a autora Heegaard (1998).

Foi realizado um primeiro contato com o responsável da criança para apresentação da pesquisadora e pedido de colaboração para a realização da pesquisa, esclarecendo as dúvidas. Após a autorização e assinatura do termo de consentimento, foi agendada uma data para coletar os dados gerais com o responsável. Depois, foi marcado o primeiro contato com a criança, onde foi desenvolvida algumas atividades. Por fim, após a coleta, os dados foram organizados para discussão e redação final do relatório.

Foram realizadas duas sessões de hora de jogo diagnóstica e em uma terceira sessão foi aplicada a técnica expressiva “Quando alguém muito especial morre: as crianças podem aprender a lidar com a tristeza”, de acordo com Heegaard (1998).

Foi aplicado a Hora do Jogo Diagnóstica, onde os elementos para atividade foram expostos sobre a mesa ao lado de uma caixa de brinquedos aberta (que é o principal instrumento), essa funciona como elemento lúdico a mais e foi o continente depositário da produção que a criança desejou deixar ao final da sessão. Os brinquedos que foram disponibilizados não tinham um critério específico de agrupamento, porém, constituíram elementos tanto estruturados como não estruturados; foram aleatórios quanto a categoria, permitindo a liberdade da criança de ordenar os mesmos conforme as suas variáveis internas. Foi disposta uma quantidade suficiente de material, pois o excesso pode distrair ou confundir a criança, ressaltando que não foi incluído materiais perigosos (como tesoura ou vidro).

Durante o a Hora do Jogo atentou-se a alguns indicadores como a escolha de brinquedos e a brincadeira, personificação, capacidade simbólica, criatividade, tolerância a frustração e adequação a realidade. Tendo como enfoque principal, a análise do processo de luto através destes indicadores.

Segundo Heegaard (1998), a criança tem dificuldade em expressar verbalmente seus sentimentos, sendo assim, a técnica expressiva relacionada ao assunto perdas ajudou o ensinamento à criança sobre a morte, ajudando-a a reconhecer, nomear, aceitar e expressar seus sentimentos.

A análise dos dados foi qualitativa, buscando identificar nas respostas coletadas características relacionadas ao processo de luto e comparando com o resultado obtido com teorias de autores diferentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Verificamos que a atitude da mãe em querer que o filho durma na mesma cama que ela é uma necessidade de substituir a ausência do marido, dando uma função ao filho que pode gerar confusão e culpa. Porém, a criança sente que o padrasto desempenha a função paterna, sentindo-se seguro e vendo-o como um pai.

A mãe demonstrou grande dificuldade de separar-se do filho, pois o vê como frágil e dependente dela, o que prejudica seu desenvolvimento. A criança demonstrou insegurança e necessidade de que alguém o reafirme as coisas, até mesmo aquilo que já sabe. No entanto, apresentou boa plasticidade de ego, adaptando-se de acordo com sua necessidade de maneira criativa.

Apesar de ter outros cuidadores, a criança apresentou grande desejo de que gostaria que o pai estivesse cuidando dela, pois esta figura ficou ausente por um período de tempo, até a mãe encontrar outra pessoa.

A criança expressou a saudade do pai falecido, indicando um luto elaborado, pois lembra do pai com saudade e não com dor. Apesar da morte ter acontecido a bastante tempo, a criança tem dificuldade de falar do assunto, usa defesas, mas consegue externalizar aquilo que está dentro dele.

Todas as brincadeiras realizadas tiveram a função de ajudar a criança na separação com a pesquisadora, pois a criança fez muitas brincadeira de matar, morrer, por um fim em tudo, ajudando-o a romper o vínculo que foi estabelecido e que de algum modo foi terapêutico, pois se sentiu acolhido, seguro e compreendido; pode dar vazão e expressar seus sentimentos, seu lado mais frágil, seus medos, suas dores e principalmente a falta que sente do pai.

CONCLUSÃO

A criança enlutada sofre implicações psíquicas com o luto familiar, tornando-se mais acentuada quando é de um membro da família nuclear. É importante conscientizar o cuidador da importância de sua mediação para o enfrentamento do luto pela criança.

REFERÊNCIAS

FRANCO, Maria Helena Pereira. **Uma jornada sobre o luto: a morte e o luto sob diferentes olhares**. São Paulo: Livro Pleno, 2002.

HEEGAARD, Marge. **Quando alguém muito especial morre**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MOURA, Marisa Decat. (org.). **Psicanálise e hospital: a criança e sua dor**. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

Worden, J. William. **Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.